



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76

Recredenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

XXVIII SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2024

A INFLUÊNCIA DA EDUCAÇÃO, DAS ARTES E DA LEITURA NA TRAJETÓRIA DA ESCRITORA CAROLINA MARIA DE JESUS

Julliane Santana da França¹; Renailda Ferreira Cazumbá²

1. Bolsista PROBIC/UEFS, Graduando em Letras com Língua Portuguesa e Francesa, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: sujuwinne@gmail.com

2. Orientadora, Professora Adjunta do Departamento de Educação, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: rcfcazumba@uefs.br

PALAVRAS-CHAVE: Educação; Diálogo; Inovação.

INTRODUÇÃO

Ao iniciar a pesquisa, considerava Carolina Maria de Jesus apenas como uma escritora negra que passou por todas as dificuldades e sofrimentos que uma mulher negra mãe solo poderia passar no Brasil. Porém, à medida que pesquisava, percebi em Carolina algo muito extraordinário e posso dizer, à frente de seu tempo, principalmente, relacionado à relação com a criança, educação e maternidade – não só a dela para com os filhos dela, mas a de sua mãe para com ela. Carolina escreve baseando-se em suas vivências pessoais, relatando seu cotidiano como forma de denúncia das mazelas sociais que vivia, assim como outros em seu redor (Cazumbá & Silva, 2023, p. 2-3). Ao relatar sua vida pessoal, no decorrer de suas obras Quarto de despejo (1960) e Diário de Bitita (1986), é perceptível que algumas atitudes da escritora, acabam tornando-a uma espécie de corpo estranho no ambiente em que vivia, no meio de pessoas que não a entendiam e a segregavam por isso, até mesmo dentro de sua própria família (Cazumbá & Silva, 2023, p. 11). Se pensamos na formação do professor, principalmente no contexto do Brasil, é indispensável a concepção de que é comum ignorar a cultura, a educação informal, o indivíduo e, principalmente, a criança pobre no processo educativo. Carolina, mesmo sendo uma professora, possui uma visão de educadora para com o próximo e com o educador, para que este aprimorasse as capacidades dos alunos e não os colonizasse novamente, ao tentar apagar suas identidades. Carolina Maria de Jesus é um dos principais exemplos de como a educação podem influenciar positivamente na vida do indivíduo, aprimorando suas habilidades e promovendo-lhe oportunidades de bem-estar e da comunidade que o circunda.

MATERIAL E MÉTODOS OU METODOLOGIA (ou equivalente)

Esta pesquisa foi baseada em uma metodologia de base qualitativa, de natureza bibliográfica e documental, na qual analisamos as obras de Carolina Maria de Jesus, entrevistas e seu contexto histórico publicados e acessíveis em editoras nacionais,

trazendo para debate sua realidade, a educação de seus filhos, formação acadêmica e de suas relações interpessoais.

Adjunto a análise, baseada em teóricos na área da literatura, psicanálise, pedagogia e história, foi possível gerar compreensão e redimensionamento os objetivos iniciais da pesquisa, focalizando na leitura comentada das obras Diário de Bitita (1960) e Quarto de Despejo (1986).

RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO (ou Análise e discussão dos resultados)

Na proposição de um artigo científico, demonstramos que aspectos da vida de Carolina Maria de Jesus, aliados à sua formação educacional e intelectual que influenciam suas obras. Nascida em Minas Gerais em 1914, Carolina Maria de Jesus não conheceu seu pai. Foi criada pela sua mãe, na cidade de Sacramento próximo ao seu avô materno, tios, tias e primos. Seu avô foi sua figura paterna, foi sua principal inspiração, e a pessoa da qual ela mais admirava. Em seu primeiro livro publicado, *Quarto de despejo*, podemos perceber como Carolina carregou as influências de seu avô para sua vida com seus filhos e com os outros ao seu redor, proporcionando ao mundo uma perspectiva progressista e atípica para sua época, sem falar na sua forma de produzir suas obras. A partir delas podemos perceber que a educação que recebeu – não apenas na escola, mas também em sua casa – influenciou em suas produções. Carolina começou a se esforçar para aprender a ler, mesmo ao sofrer violências dentro do espaço escolar. Frequentava sem pretensões, pois era uma criança negra que não tinha perspectiva de que a educação pudesse mudar sua realidade, afinal, nenhum dos trabalhos que ela poderia fazer no futuro não necessitavam desse tipo de educação. É importante ressaltar que a autora estava por volta dos sete anos quando entrou na escola, ela ouvia as pessoas falarem - seu próprio avô dizia - o quanto importante era para um negro saber ler. Mas a realidade que ela vivia não a incentivava a viver algo que parecia ser apenas da boca para fora dos adultos. Carolina (1986, p. 113) conta que “Continuei indo à escola. Porque o comparecimento era obrigatório. Mas não me interessava pelos estudos. A minha professora insistia para eu aprender a ler. Me dirigia um olhar carinhoso. Eu achava tão difícil aprender a ler.”. Sua resistência é comum, desde que não se percebia objetivos claros em aprender o que estava sendo proposto na escola. Enquanto enxergava a educação uma obrigação infundada, via a instituição escolar apenas como mais um dos mecanismos de tortura de uma pessoa negra, que ela não conseguia avançar. Nossas análises das obras mostram que a escritora resistiu, porém, menos de dois anos de escolarização foi o suficiente para que mergulhasse no mundo das letras. O tipo de resistência que alimenta as possibilidades para a mudança (Cazumbá & Silva, 2024, p. 7-8), impulsionando e obrigando a pertencer ao universo da escrita. Enquanto uma das grandes exceções na favela em que morava, Carolina era questionada a todo instante por não tratar as crianças da comunidade da forma que “deveria” (Jesus, 1960, p.14). Na escrita literária, a autora explícita seu descontentamento com a forma que os adultos do local tratavam as crianças, e as forçavam presenciar e vivenciar constantemente situações violentas (Jesus, 1960, p. 11). Mesmo em meio a dificuldade e problemas enfrentados pela sua realidade, que a limitava de criar seus filhos da forma que gostaria, Carolina possibilitou que seus filhos sempre frequentassem a escola, além de consumirem livros, e como resultado, sua filha mais nova Vera Eunice se tornou

professora mesmo com todas dificuldades enfrentadas. Carolina era mãe solo, vivia na favela como catadora de papel sustentando seus três filhos sozinha, em diversos trechos dos livros é possível notar o estado de alerta em que ela vivia, tensa a todo momento sem ter muitas opções para alimentar suas crianças, chegando até cogitar tirar sua vida (Jesus, 1960, p. 87). Carolina escrevia, lia, preferia gastar o pouco que às vezes lhe restava para comprar livros, já que não tinha mais o seu avô para lhe contar histórias. Por conta da sua vulnerabilidade social poderia ter caído nos vícios, não seria incomum e até mais ‘fácil’ para ela, já que a mesma afirmou que era mais fácil conseguir álcool do que comida (Jesus, 1960, p. 62). Ela encontrou na escrita e na leitura suas válvulas de escape, e “apesar de mulher negra, mãe solo e trabalhadora, e através da leitura e da escrita criou um processo de resistência e enfrentamentos marcados por discriminações” (Cazumbá; Silva, 2023, p. 12). E através desse ato, foi capaz de registrar de perto a desumanidade com que as pessoas pobres e negras eram tratadas. Ao ser questionada em entrevista registrada ao final do livro *Quarto de Despejo*, registrada pela editora Ática (1992), sobre os motivos de ter começado a escrever, já que em meio às suas condições dificilmente seus escritos lhe renderia algo em troca financeiramente, Carolina não hesitou em responder: “Quando eu não tinha nada o que comer, em vez de xingar eu escrevia. Tem pessoas que, quando estão nervosas, xingam ou pensam na morte como solução. Eu escrevia o meu diário” (Jesus, 1992, p. 169).

CONSIDERAÇÕES FINAIS (ou Conclusão)

Carolina carregava em si percepções diferentes, desde muito nova sabia que precisava de mais, não queria ser igual aos outros, sejam eles pretos ou brancos. Desejava sobreviver e viver, e acreditava que o outro precisava disso também, mesmo sem ter credenciamentos acadêmicos, a autora se apossou da educação formal através da leitura e da escrita adquiridas por um curto período e, com isso, mudou sua vida. Além, da educação já recebida dentro de sua família, com saberes ancestrais que a ajudaram a moldar sua perspectiva da vida e do mundo à sua volta, numa constante tentativa de sobreviver da melhor forma possível, buscou alternativas de aproveitar sua existência através da educação, deixando um legado para os seus descendentes e principalmente para as mulheres negras que podem aprender a aprender com Carolina Maria de Jesus.

REFERÊNCIAS

- CAZUMBÁ, Renailda Ferreira. SILVA, Zoraide Portela. *As Escrevivências De Carolina Maria De Jesus e Celeste Bastos: Rupturas na Formação do Leitor Literário*. Feira de Santana. 2023.
- DE JESUS, Carolina Maria. *O Diário de Bitita*. p. 9-183. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. p. 11-169. 10. ed. São Paulo: Ática. 1960.